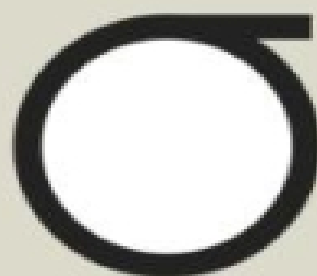


ABC de

Fernando Pessoa





Ficha Técnica

Copyright © 2015 Joana Mota Amaral e Publicações Dom Quixote
Copyright © 2015 Leya Editora Ltda.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.
Revisão: Breno Barreto
Adaptação de capa: Leandro Dittz
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pessoa, Fernando
ABC de Fernando Pessoa : citações em verso e prosa / Fernando Pessoa – São Paulo: Leya, 2015.
ISBN 9788544103432
1. Literatura portuguesa 2. Citações 3. Poesia I. Título
II. Editora LeYa
15-1109 CDD: P869

Todos os direitos reservados à
LEYA EDITORA LTDA.
Av. Angélica, 2318 – 13º andar
01228-200 – São Paulo – SP
www.leya.com.br

ABC de
Fernando
Pessoa

Nota do Editor

Estas citações são retiradas das obras de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos. As entradas consistem em verbos. Como nem todos foram conjugados pelo poeta, ou, pelo menos, não foram conjugados com a mesma frequência e intensidade, a repartição das citações pelas letras do alfabeto é desigual. Mas, nos dicionários, a repartição das palavras por ordem alfabética também o é.



FERNANDO EM PESSOA¹

Nome completo:

FERNANDO ANTÓNIO NOGUEIRA PESSOA.

Idade e naturalidade: Nasceu em Lisboa, freguesia dos Mártires, no prédio n.º 4 do Largo de S. Carlos (hoje do Directório), em 13 de Junho de 1888.

Filiação: Filho legítimo de Joaquim de Seabra Pessoa e de D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira. Neto paterno do general Joaquim António de Araújo Pessoa, combatente das campanhas liberais, e de D. Dionísia Seabra; neto materno do conselheiro Luís António Nogueira, jurisconsulto e que foi director-geral do Ministério do Reino, e de D. Madalena Xavier Pinheiro. Ascendência geral: misto de fidalgos e judeus.

Estado: Solteiro.

Profissão: A designação mais própria será “tradutor”, a mais exacta a de “correspondente estrangeiro em casas comerciais”. O ser poeta e escritor não constitui profissão, mas vocação.

Morada: Rua Coelho da Rocha, 16, 1.º Dt.º, Lisboa. (Endereço postal – Caixa Postal 147, Lisboa).

Funções sociais que tem desempenhado: Se por isso se entende cargos públicos, ou funções de destaque, nenhuma.

Obras que tem publicado: A obra está essencialmente dispersa, por enquanto, por várias revistas e publicações ocasionais. O que, de livros ou folhetos, considera como válido, é o seguinte: “35 Sonnets” (em inglês), 1918; “English Poems I-II” e “English Poems III” (em inglês também), 1922, e o livro “Mensagem”, 1934, premiado pelo Secretariado

de Propaganda Nacional, na categoria “Poema”. O folheto “O Interregno”, publicado em 1928, e constituído por uma defesa da Ditadura Militar em Portugal, deve ser considerado como não existente. Há que rever tudo isso e talvez que repudiar muito.

Educação: Em virtude de, falecido seu pai em 1893, sua mãe ter casado, em 1895, em segundas núpcias, com o Comandante João Miguel Rosa, cônsul de Portugal em Durban, Natal, foi ali educado. Ganhou o prémio Rainha Vitória de estilo inglês na Universidade do Cabo da Boa Esperança em 1903, no exame de admissão, aos 15 anos.

Ideologia Política: Considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver um plebiscito entre regimes, votaria, embora com pena, pela República. Conservador do estilo inglês, isto é, liberdade dentro do conservantismo, e absolutamente anti-reaccionário.

Posição religiosa: Cristão gnóstico e portanto inteiramente oposto a todas as Igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria.

Posição iniciática: Iniciado, por comunicação directa de Mestre a Discípulo, nos três graus menores da (aparentemente extinta) Ordem Templária de Portugal.

Posição patriótica: Partidário de um nacionalismo místico, de onde seja abolida toda a infiltração católico-romana, criando-se, se possível for, um sebastianismo novo, que a substitua espiritualmente, se é que no catolicismo português houve alguma vez espiritualidade. Nacionalista que se guia por este lema: “Tudo pela Humanidade; nada contra a Nação”.

Posição social: Anticomunista e anti-socialista. O mais deduz-se do que vai dito acima.

Resumo de estas últimas considerações: Ter sempre na memória o mártir Jacques de Molay, Grão-Mestre dos Templários, e combater, sempre e em toda a parte, os seus três assassinos – a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania.

Lisboa, 30 de março de 1935

A handwritten signature in black ink, reading "Fernando Pessoa". The signature is written in a cursive, flowing style. Below the signature is a long, horizontal, slightly wavy line that serves as a decorative underline.

¹¹ In *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, ed. Richard Zenith, Assírio & Alvim, 2003, pp. 203 - 206.

A

ABDICAR.

Abdicar da vida para não abdicar de si próprio.

ABUSAR.

A essência do uso é o abuso.

ACONSELHAR.

Dar bons conselhos é insultar a faculdade de errar que Deus deu aos outros.

ACOSTUMAR-SE *é morrer.*

ADIAR.

Adia tudo. Nunca se deve fazer hoje o que se pode deixar de fazer também amanhã.

*Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã... Levarei amanhã a pensar em depois de
amanhã, E assim será possível; mas hoje não...*

Não, hoje nada; hoje não posso.

A persistência confusa da minha subjectividade objectiva,

O sono da minha vida real, intercalado,

O cansaço antecipado e infinito,

Um cansaço de mundos para apanhar um eléctrico...

Esta espécie de alma...

Só depois de amanhã...

Hoje quero preparar-me,

Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte...

Ele é que é decisivo.

Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...

Amanhã é o dia dos planos.

Amanhã sentar-me-ei à secretária para conquistar o mundo;

Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã...

Tenho vontade de chorar,

Tenho vontade de chorar muito de repente, de dentro...

Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.

Só depois de amanhã...

*Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda a semana.
Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha infância...
Depois de amanhã serei outro,
A minha vida triunfar-se-á,
Todas as minhas qualidades reais de inteligente, lido e prático
Serão convocadas por um edital...
Mas por um edital de amanhã...
Hoje quero dormir; redigirei amanhã...
Por hoje, qual é o espectáculo que me repetiria a infância?
Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,
Que depois de amanhã é que está bem o espectáculo...
Antes, não...
Depois de amanhã terei a pose pública que amanhã estudarei.
Depois de amanhã serei finalmente o que hoje não posso nunca ser.
Só depois de amanhã...
Tenho sono como o frio de um cão vadio.
Tenho muito sono.
Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã...
Sim, talvez só depois de amanhã...*

*O porvir...
Sim, o porvir...*

ADMIRAR.

Ninguém se admira a si mesmo, salvo um paranóico com o delírio das grandezas.

Nunca pude admirar um poeta que me foi possível ver.

AFIRMAR *é enganar-se na porta.*

AGIR.

Faz por agir como os outros e pensar diferentemente deles.

Todo o homem de ação é essencialmente animado e optimista porque quem não sente é feliz.

Agir, eis a inteligência verdadeira. Serei o que quiser. Mas tenho que

querer o que for.

Agir é descrever. Pensar é errar. Só sentir é crença e verdade.
Nada existe fora das nossas sensações. Por isso, agir é trair os nossos pensamentos.

Agir é não pensar.

Só o primeiro passo é que custa. Mas depois do primeiro passo dado, o segundo é o primeiro depois desse. É bom reparar nisto e não dar passo nenhum... Todos custam.

A acção é uma doença do pensamento, um cancro da imaginação. Agir é exilar-se.

Age como se não houvesse Deus, lembrando-te porém que Ele existe.

**AMAR é cansar-se de estar só: é uma
cobardia, portanto, e uma traição a nós
próprios (importa soberanamente que
não amemos).**

O amor pede identidade com diferença, o que é impossível já na lógica, quanto mais no mundo. O amor quer possuir, quer tornar seu o que tem de ficar fora para ele saber que se torna seu e não é. Amar é entregar-se. Quanto maior a entrega, maior o amor. Mas a entrega total entrega também a consciência do outro. O amor maior é por isso a morte, ou o esquecimento, ou a renúncia – os amores todos que são os absurdiandos do amor.

O amor quer a posse, mas não sabe o que é a posse. Se eu não sou meu, como serei teu, ou tu minha? Se não possuo o meu próprio ser, como possuirei um ser alheio? Se sou já diferente daquele de quem sou idêntico, como serei idêntico daquele de quem sou diferente? O amor é

um misticismo que quer praticar-se, uma impossibilidade que só é sonhada como devendo ser realizada.

*Prisões, nem de amor as quero,
Não me amem, porque não gosto.*

Nunca amamos ninguém. Amamos, tão-somente, a ideia que fazemos de alguém. É a um conceito nosso – em suma, é a nós mesmos – que amamos. Isso é verdade em toda a escala do amor. No amor sexual buscamos um prazer nosso dado por intermédio de um corpo estranho. No amor diferente do sexual, buscamos um prazer nosso dado por intermédio de uma ideia nossa.

Amor não se conjuga no passado, ou se ama para sempre ou nunca se amou verdadeiramente.

*Amo como o amor ama.
Não sei razão pra amar-te mais que amar-te.
Que queres que te diga mais que te amo,
Se o que quero dizer-te é que te amo?*

O amor é bom, mas é melhor o sono.

Quem dá amor, perde amor.

ANALISAR *é ser estrangeiro.*

APRENDER.

Regra é da vida que podemos, e devemos, aprender com toda a gente. Há coisas da seriedade da vida que podemos aprender com charlatães e bandidos, há filosofias que nos ministram os estúpidos, há lições de firmeza e de lei que vêm no acaso e nos que são do acaso. Tudo está em tudo.

ARGUMENTAR.

Os argumentos são, quase sempre, mais verdadeiros do que os factos. A lógica é o nosso critério de verdade, e é nos argumentos, e não nos

factos, que pode haver lógica.

Contra argumentos não há factos.

B

BASTAR.

*Baste a quem baste o que lhe basta
O bastante de lhe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta;
Ter é tardar.*

Substitui-te sempre a ti próprio. Tu não és bastante para ti.

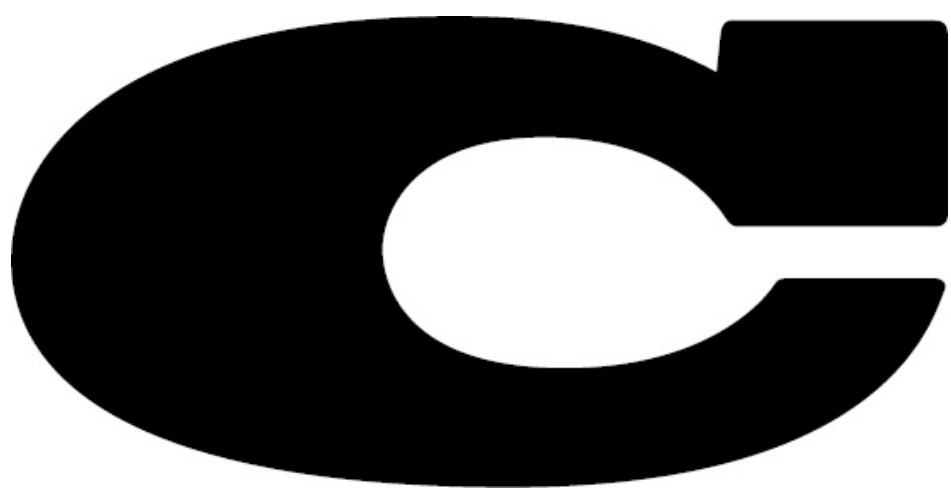
BEBER.

Nunca cultives coisas absolutas, como a castidade absoluta ou a sobriedade absoluta: a maior força de vontade é a do homem que gosta de beber e se abstém de beber muito e não a daquele que não bebe de todo.

BUSCAR.

Busco – não encontro. Quero, e não posso.

Tudo quanto buscamos, buscamos-lo por uma ambição, mas essa ambição ou não se atinge, e somos pobres, ou julgamos que a atingimos, e somos loucos ricos.



CALAR.

Nunca fales de ti. Guarda ao teu ser o seu segredo. Se o abrires nunca o poderás fechar.

*Mas quem sente muito cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma, nem fala
Fica só, inteiramente*

CATIVAR.

Tenta cativar por aquilo que o teu silêncio contém.

CHEGAR.

Tudo o que chega, chega sempre por alguma razão...

CHEIRAR.

O olfacto é uma vista estranha, Evoca paisagens sentimentais por um desenhar súbito do inconsciente.

O olfacto é uma vista estranha...

CHORAR.

Penso, muitas vezes, que não são os pensamentos que são demasiado profundos para as lágrimas, mas as lágrimas que são demasiado profundas para o pensamento.

CITAR *é ser injusto. Enumerar é esquecer. Não quero esquecer ninguém de que não me lembre.*

CLASSIFICAR.

Tudo em nós é fluido e misto. Classificamos para compreender, mas vivemos, na mente como no corpo, inclassificavelmente.

COEXISTIR.

Colaborar, ligar-se, agir com os outros é um impulso metafisicamente mórbido. A alma que é dada ao indivíduo não deve ser emprestada às suas relações com os outros. O facto divino de existir não deve ser entregue ao facto satânico de coexistir.

COISAR.

O pensamento tem um vício. Cria um neologismo para o descrever – coisar.

COLABORAR, *ligar-se, agir com outros, é um impulso metafisicamente mórbido.*

Nenhum homem, digno de nome humano, pode concordar ou colaborar com outro homem, excepto em coisas absolutamente inúteis, como as ordens religiosas, os ministérios, o canto coral e as fitas cinematográficas.

COMBATER *é não ser capaz de combater-se.*

COMPREENDER.

Sentir é compreender. Pensar é errar. Compreender o que outra pessoa pensa é discordar dela. Compreender o que outra pessoa sente é ser ela.

A meio caminho entre a fé e a crítica está a estalagem da razão. A razão é a fé no que se pode compreender sem fé; mas é uma fé ainda, porque compreender envolve pressupor que há qualquer coisa compreensível.

Cansamo-nos de tudo, excepto de compreender.

Compreender é esquecer de amar.

Ser compreendido é prostituir-se.

Ser compreendido é prostituir-se.

Repudiei sempre que me compreendessem.

*Cada um compreende só o que sente,
E entre alma e alma a estupidez é imensa.*

CONFESSAR.

A mais vil das necessidades – a da confiança, a da confissão. É a necessidade da alma de ser exterior. Confessa, sim; mas confessa o que não sentes. Livra a tua alma, sim, do peso dos teus segredos, dizendo-os, mas ainda bem que os segredos que digas nunca os tenhas tido. Mente a ti próprio antes de dizeres essa verdade. Expressar é sempre errar. Sê consciente: expressar seja, para ti, mentir.

Quem confessa é um débil.

Confessa, sim; mas confessa o que não sentes.

CONFIAR.

Benditos os que não confiam a vida a ninguém.

CONFORMAR-SE.

Conformar-se é submeter-se e vencer é conformar-se, ser vencido. Por isso toda a vitória é uma grosseria. Os vencedores perdem sempre todas as qualidades de desalento com o presente que os levaram à luta que lhes deu a vitória. Ficam satisfeitos, e satisfeito só pode estar aquele que se conforma, que não tem a mentalidade do vencedor. Vence só quem nunca consegue. Só é forte quem desanima sempre.

CONHECER.

Ninguém conhece outro, e ainda bem que o não conhece, e, se o conhecesse, conheceria nele, ainda que mãe, mulher ou filho, o íntimo, metafísico inimigo.

Ver será sempre a melhor metáfora de conhecer.

Cultura não é ler muito, nem saber muito; é conhecer muito.

CONTINUAR.

Continuar é mais propriamente difícil do que iniciar.

As qualidades para iniciar podem não ser mais do que audácia e convicção. Ora, para continuar, têm de ser, pelo menos, com a mesma convicção, persistência, sabedoria e tenacidade, para não falar em honestidade e cultura. Um acto de força é difícil; mas ninguém negará que um de administração ainda é mais.

CONVIVER *é morrer.*

Os homens são fáceis de afastar. Basta não nos aproximarmos.

CRER *é morrer; pensar é duvidar.*

Crer é não distinguir.

CRIAR.

Viver não é necessário. Necessário é criar.

D

DECIFRAR.

Tenho na vida o interesse de um decifrador de charadas.
Paro, decifro e passo adiante.

DEMONSTRAR.

Demonstrar é a forma mais incómoda de crer. Todo o raciocínio começa numa crença no raciocínio e acaba na crença nas conclusões do raciocínio. Raciocinar (Demonstrar) é crer devagar.

DESCONHECER-SE.

Desconhecer-se conscientemente, eis o caminho. E desconhecer-se conscienciosamente é o emprego activo da ironia.

DESEJAR.

O que é doença é desejar com igual intensidade o que é preciso e o que é desejável, e sofrer por não ser perfeito como se se sofresse por não ter pão. O mal romântico é este: querer a lua como se houvesse meio de a obter.

DESPERTAR.

O homem é um animal que desperta, sem que saiba onde nem para quê.

DESPIR-SE.

Por mais que dispamos o que vestimos, nunca chegamos à nudez, pois a nudez é um fenómeno da alma.

DESPREZAR.

Despreza tudo, mas de modo que o desprezar te não incomode. Não te julgues superior ao desprezares. A arte do desprezo nobre está nisso.

Todos temos por onde sermos desprezíveis. Cada um de nós traz consigo um crime feito ou o crime que a alma lhe pede para fazer.

DISCORDAR.

O único modo de estarmos de acordo com a vida é estarmos em desacordo com nós próprios.

DIZER *uma coisa é conservar-lhe a
virtude e tirar-lhe o terror.*

DOER.

*O que me dói não é
O que há no coração
Mas essas coisas lindas
Que nunca existirão ...
São as formas sem forma
Que passam sem que a dor
As possa conhecer
Ou as sonhar o amor.
São como se a tristeza
Fosse árvore e, uma a uma,
Caíssem suas folhas
Entre o vestígio e a bruma.*

Não é verdade que a vida seja dolorosa ou que seja doloroso pensar na vida.

DOMINAR.

Há dois processos de dominar ou vencer – captar e subjugar. Captar é o modo gregário de dominar ou vencer; subjugar é o modo antigregário de dominar ou vencer.

DORMIR.

Tudo o que dorme é criança de novo. Talvez porque no sono não se possa fazer mal, e se não dá conta da vida, o maior criminoso, o mais fechado egoísta é sagrado, por uma magia natural, enquanto dorme. Entre matar quem dorme e matar uma criança não conheço diferença que se sinta.

DUVIDAR.

Duvido, portanto penso.

A quem não tem crenças, até a dúvida é impossível, até o cepticismo não tem força para desconfiar.

E

ENSINAR.

Não ensines nada, pois ainda tens tudo que aprender.

ENTENDER.

Ninguém entende ninguém. Tudo é interstício e acaso, mas está tudo certo.

A sensibilidade conduz normalmente à acção, o entendimento à contemplação.

ENTUSIASMAR-SE.

O entusiasmo é uma grosseria.

ENUMERAR *é esquecer.*

ENVELHECER.

A realização envelhece-nos. Tudo tem o seu preço; o preço da realização é a perda da juventude.

ERRAR.

Uma ficção é um erro relativo. Um erro é uma ficção absoluta.

*Deixei atrás os erros do que fui,
Deixei atrás os erros do que quis
E que não pude haver porque a hora flui
E ninguém é exato nem feliz.*

*Tudo isso como o lixo da viagem
Deixei nas circunstâncias do caminho,
No episódio que fui e na paragem,
No desvio que foi cada vizinho.*

*Deixei tudo isso, como quem se tapa
Por viajar com uma capa sua,
E a certa altura se desfaz da capa
E atira com a capa para a rua.*

ESCOLHER.

Ditoso é, não quem escolhe, senão quem se não arrepende de ter escolhido.

Há porém alguns mais ditosos que qualquer dos que escolheram: são os que distraíram indefinidamente a decisão da escolha.

ESCREVER *é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida.*

Sou, em grande parte, a mesma prosa que escrevo.

ESFORÇAR-SE.

Todo o esforço é um crime porque todo o gesto é um sonho.

Todo o esforço, qualquer que seja o fim para que tenda, sofre, ao manifestar-se, os desvios que a vida lhe impõe; torna-se outro esforço, serve outros fins, consuma por vezes o mesmo contrário do que pretendia realizar.

A ladeira leva ao moinho mas o esforço não leva a nada.

ESPERAR *pelo melhor e preparar-se para o pior: eis a regra.*

Esperar pelo melhor é preparar-se para o perder: eis a regra. O pessimismo é bem grande, é fonte de energia.

ESTAR.

Os cavalos da cavalaria é que formam a cavalaria. Sem as montadas, os cavaleiros seriam peões. O lugar é que faz a localidade. Estar é ser.

Ter estado num naufrágio ou numa batalha é algo belo e glorioso; o pior é que teve de se lá estar para se ter lá estado.

ESTUDAR.

A única vantagem de estudar é gozar o quanto os outros não disseram.

*Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.*

EVOLUIR.

Só a ciência evolui. Nada mais evolui... Nem política, nem artes nem costumes comportam evolução. Podem comportar diferenças. Evolução não comportam.

EXISTIR.

O homem é um animal que quer existir.

Tudo o que existe, existe talvez porque outra coisa existe. Nada é, tudo coexiste: talvez assim seja certo.

Basta existir para ser completo.

Ah, quem me salvará de existir?

EXPLICAR *é* descrer.

EXPRIMIR *é* sempre errar.

Exprimir-se é dizer o que se não sente.

F

Falar *é o modo mais simples de nos tornarmos desconhecidos.*

A mais simples, natural e vulgar de todas as acções é a de falar. A identidade que se sente através de conversa é portanto a mais profunda, a mais insistente, a mais quotidiana de todas.

Falar é ter demasiada consideração pelos outros. Pela boca morrem o peixe e Oscar Wilde.

FAZER.

*Em tudo quanto faças sê só tu,
Em tudo quanto faças sê tu todo*

Não faças o que os outros fazem, porque eles o fazem, nem o que os outros não fazem porque eles não fazem.

Nunca penses no que vais fazer. Não o faças.

E sobretudo, por amor de Deus, não tomemos a sério nada do que fazemos.

Não é o tédio a doença do aborrecimento de nada ter que fazer, mas a doença maior de se sentir que não vale a pena fazer nada. E assim, quanto mais há que fazer, mais tédio há que sentir.

*Tudo o que faço ou medito
Fica sempre na metade.
Querendo, quero o infinito.
Fazendo, nada é verdade.*

*Que nojo de mim me fica
Ao olhar para o que faço!
Minha alma é lúcida e rica,
E eu sou um mar de sargaço.*

FINGIR *é amar.*

*O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

FUGIR.

O meu desejo é fugir. Fugir ao que conheço, fugir ao que é meu, fugir ao que amo. Desejo partir – não para as Índias impossíveis, ou para as grandes ilhas ao Sul, mas para o lugar qualquer – aldeia ou ermo – que tenha em si o não ser este lugar. Quero não ver mais estes rostos, estes hábitos, estes dias. Quero repousar, alheio, do meu fingimento orgânico. Quero sentir o sono chegar como vida, e não como repouso. Uma cabana à beira-mar, uma caverna, até, no socalco rugoso de uma serra, me pode dar isto. Infelizmente, só a minha vontade não mo pode dar.

A VERDADEIRA FILOSOFIA DE VIDA

Trabalhar com nobreza, esperar com sinceridade, sentir as pessoas com ternura, esta é a verdadeira filosofia.

- 1 Não tenhas opiniões firmes, nem creias demasiadamente no valor das tuas opiniões.
- 2 Sê tolerante, porque não tens certeza de nada.
- 3 Não julgues ninguém, porque não vês os motivos, mas sim os actos.
- 4 Espera o melhor e prepara-te para o pior.
- 5 Não mates nem estragues, porque não sabes o que é a vida, excepto que é um mistério.
- 6 Não queiras reformar nada, porque não sabes a que leis as coisas obedecem.
- 7 Faz por agir como os outros e pensar diferentemente deles.



GOSTAR.

Gostava de estar no campo para poder gostar de estar na cidade.

GOVERNAR.

Os estadistas de primeira ordem, como Bismarck ou Cromwell, governaram sempre contra a opinião pública. Os estadistas de segunda ordem, como Napoleão, governaram sempre com ela.

O governo assenta em duas coisas: refrear e enganar.

À regência pertence a insensibilidade. Governa quem é alegre porque para ser triste é preciso sentir.

O governo do mundo começa em nós mesmos. Não são os sinceros que governam o mundo, mas também não são os insinceros. São os que fabricam em si uma sinceridade real por meios artificiais e automáticos; essa sinceridade constitui a sua força, e é ela que irradia para a sinceridade menos falsa dos outros. Saber iludir-se bem é a primeira qualidade dos estadistas.

GOZAR.

*Cada dia sem gozo não foi teu
Foi só durares nele. Quanto vivas
Sem que o gozes, não vives.*

I

IGNORAR.

Entendemo-nos porque nos ignoramos.

A ignorância é a verdadeira inocência. O maior pensador é o maior debochado.

IMAGINAR.

Posso imaginar-me tudo, porque não sou nada. Se fosse alguma coisa, não poderia imaginar.

INFLUENCIAR *é sair de casa.*

INTERPOR-SE.

Saber interpor-se constantemente entre si próprio e as coisas é o mais alto grau de sabedoria e prudência.

INTERPRETAR.

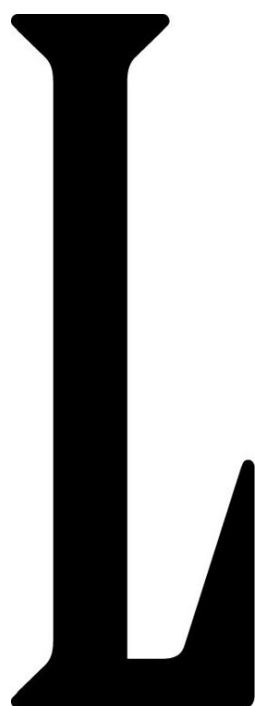
As coisas não valem senão na interpretação delas.

Interpretar é não saber explicar. Explicar é não ter compreendido.

INTRUJAR.

Um país sem grandes intruções é um país perdido, porque a civilização, em qualquer dos seus níveis, é a organização da artificialidade, isto é, da intrujice.

IR *é ser. Não parar é ter razão.*



LEMBRAR *é não ver.*

LER

Descobri que a leitura é uma forma servil de sonhar. Se tenho de sonhar, por que não sonhar os meus próprios sonhos?

Não conheço prazer como o dos livros, e pouco leio. Os livros são apresentações aos sonhos, e não precisa de apresentações quem, com a facilidade da vida, entre em conversa com eles. Nunca pude ler um livro com entrega a ele; sempre, a cada passo, o comentário da inteligência ou da imaginação me estorvou a sequência da própria narrativa. No fim de minutos, quem escrevia era eu e o que estava escrito não estava em parte alguma.

Ler é sonhar pela mão de outrem. Ler mal e por alto é libertarmo-nos da mão que nos conduz. A superficialidade na erudição é o melhor modo de ler bem e ser profundo.

M

MANDAR.

Os homens dividem-se, na vida prática, em três categorias – os que nasceram para mandar, os que nasceram para obedecer, e os que não nasceram nem para uma coisa nem para outra. Estes últimos julgam sempre que nasceram para mandar; julgam-no mesmo mais frequentemente que os que efectivamente nasceram para o mando.

O característico principal do homem que nasceu para mandar é que sabe mandar em si mesmo.

O característico distintivo do homem que nasceu para obedecer é que sabe mandar só nos outros, sabendo obedecer também. O homem que não nasceu nem para uma coisa nem para outra distingue-se por saber mandar nos outros mas não saber obedecer.

O homem que nasceu para mandar é o homem que impõe deveres a si mesmo. O homem que nasceu para obedecer é incapaz de se impor deveres, mas é capaz de executar os deveres que lhe são impostos (seja por superiores, seja por fórmulas sociais) e de transmitir aos outros a sua obediência; manda, não porque mande, mas porque é um transmissor de obediência. O homem que não nasceu nem para mandar nem para obedecer sabe só mandar, mas como nem manda por índole nem por transmissão de obediência, só é obedecido por qualquer circunstância externa – o cargo que exerce, a posição social que ocupa, a fortuna que tem...

Manda quem não sente.

Precisar de dominar os outros é precisar dos outros. O chefe é um dependente.

MENTIR.

Visto que talvez nem tudo seja falso, que nada, ó meu amor, nos cure do prazer quase-espasmo de mentir.

Quando a mentira começar as dar-nos prazer, falemos a verdade, para lhe mentirmos. E quando nos causar angústia, paremos, para que o

sofrimento nos não signifique nem perversamente prazer...

MONOTONIZAR.

Sábio é quem monotoniza a existência, pois então cada pequeno incidente tem um privilégio de maravilha. O caçador de leões não tem aventura para além do terceiro leão. Para o meu cozinheiro monótono, uma cena de bofetadas na rua tem sempre qualquer coisa de apocalipse modesto. Quem nunca saiu de Lisboa viaja ao infinito no carro até Benfica e, se um dia vai a Sintra, sente que viajou até Marte.

Monotonizar a existência, para que ela não seja monótona.
Tornar anódino o quotidiano para que a mais pequena coisa seja uma distração.

MORRER.

Podemos morrer se apenas amámos.

*A morte é a curva da estrada,
Morrer é só não ser visto.*

A morte é uma libertação porque morrer é não precisar de outrem.

*Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.*

*Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.*

*Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.*

*Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.*

*Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.*

Não me venham com conclusões! A única conclusão é morrer.

*A morte chega cedo,
Pois breve é toda vida
O instante é o arremedo
De uma coisa perdida.*

*O amor foi começado,
O ideal não acabou,
E quem tenha alcançado
Não sabe o que alcançou.*

*E a tudo isto a morte
Risca por não estar certo
No caderno da sorte
Que Deus deixou aberto.*

Todos nós sabemos que morremos. Todos nós sentimos que não morreremos.

MULTIPLICAR-SE.

O que é preciso é cada um multiplicar-se por si próprio.

N

NARRAR.

A experiência directa é o subterfúgio, ou o esconderijo, daqueles que são desprovidos de imaginação. Os homens de acção são os escravos dos homens de entendimento. As coisas não valem senão na interpretação delas. Uns, pois, criam coisas para que os outros, transmudando-as em significação, as tornem vidas. Narrar é criar, pois viver é apenas ser vivido.

NASCER.

*Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...*

No que nasce, tanto podemos sentir o que nasce como pensar o que há-de morrer.

NAVEGAR *é preciso; viver não é
preciso*

NOMEAR.

A civilização consiste em dar a qualquer coisa um nome que lhe não compete, e depois sonhar sobre o resultado. E realmente o nome falso e o sonho verdadeiro criam uma nova realidade. O objecto torna-se realmente outro, porque o tornámos outro. Manufacturamos realidades.



ODIAR.

Odíamos o que quase somos.

A volúpia do ódio não pode igualar-se à volúpia de ser odiado.

OLHAR.

Não é por nada que olho: é que eu gosto de ver as pessoas sendo.

Viver não vale a pena. Só olhar é que vale a pena. Poder olhar sem viver realizaria a felicidade, mas é impossível, como tudo quanto costuma ser o que sonhamos. O êxtase que não incluísse a vida.

OPINAR.

Ter opiniões é estar vendido a si mesmo. Não ter opiniões é existir. Ter todas as opiniões é ser poeta.

Uma criatura de nervos modernos, de inteligência sem cortinas, de sensibilidade acordada, tem a obrigação cerebral de mudar de opinião e de certeza várias vezes no mesmo dia.

Uma opinião é uma grosseria, mesmo quando não é sincera.

Todas as nossas opiniões são dos outros.

Ter opiniões é não sentir.

ORGANIZAR.

Organizar é, essencialmente, um fenómeno intelectual. Há muitas coisas que se executam, imensas que se fazem empiricamente, pelo hábito e a experiência. Mas a organização estável, ou seja, a organização propriamente dita, é um trabalho de inteligência.

ORGULHAR-SE.

Nem no orgulho tenho consolação. De quê orgulhar-me se não sou o criador de mim próprio? E mesmo que haja em mim do que envaidecer-me, quanto para não me envaidecer.

OUSAR.

Tudo é ousado para quem nada se atreve.

OUVIR.

As palavras dos outros são erros do nosso ouvir, naufrágios do nosso entender.

Ouvimo-nos e cada um escuta apenas uma voz que está dentro de si.



PALAVRAR.

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem.

PARTIR.

Partir!

Nunca voltarei.

Nunca voltarei porque nunca se volta.

O lugar a que se volta é sempre outro,

A gare a que se volta é outra,

Já não está a mesma gente, nem a mesma luz, nem a mesma filosofia

Partir! Meu Deus, partir! Tenho medo de partir

PENSAR.

Pensar é não saber existir.

A maioria pensa com a sensibilidade, eu sinto com o pensamento. Para o homem vulgar, sentir é viver e pensar é saber viver. Para mim, pensar é viver e sentir não é mais que o alimento de pensar.

Duvido, portanto penso.

Pensar é destruir.

Pensar é limitar. Raciocinar é excluir. Há muito que é bom pensar porque há muito que é bom limitar e excluir.

Pensar é querer transmitir aos outros aquilo que se julga que se sente.

Pensar é estar doente dos olhos.

Pensar é hesitar. Os homens de ação nunca pensam.

Não estou pensando em nada

*E essa coisa central, que é coisa nenhuma,
É-me agradável como o ar da noite,
Fresco em contraste com o Verão quente do dia.
Não estou pensando em nada, e que bom!*

*Pensar em nada
É ter a alma própria e inteira.
Pensar em nada
É viver intimamente
O fluxo e o refluxo da vida...
Não estou pensando em nada.
É como se me tivesse encostado mal.
Uma dor nas costas, ou num lado das costas.*

*Há um amargo de boca na minha alma:
É que, no fim de contas,
Não estou pensando em nada,
Mas realmente em nada,
Em nada...*

PERCEBER *envolve um esforço.*
Sentir envolve uma passividade
deliciosa.

PERDER.

Perder um defeito, ou uma deficiência, ou uma negação, sempre é perder.

Levo comigo a consciência da derrota como um pendão de vitória.

PERGUNTAR.

É sempre mau perguntar, porque pode haver resposta.

POSSUIR *é perder. Sentir sem possuir*
é guardar, porque é extrair de uma

coisa a sua essência.

Possuir é ser possuído, e portanto perder-se. Só a ideia atinge, sem se estragar, o conhecimento da realidade.

Possuímos nós alguma coisa? Se nós não sabemos o que somos, como sabemos nós o que possuímos?

O que é possuir? Nós não o sabemos. Como querer então poder possuir qualquer coisa? Direis que nós não sabemos o que é a vida, e vivemos... Mas nós vivemos realmente? Viver sem saber o que é a vida será viver?

PROCURAR.

Não procures nem creias: tudo é oculto.

PRODUZIR.

Ninguém atribui importância ao que produz. Quem não produz é que admira a produção.

PROGREDIR *é morrer, porque viver é morrer.*

Q

QUERER.

Querer não é poder. Quem pôde, quis antes de poder só depois de poder.
Quem quer nunca há-de poder, porque se perde em querer.

Quer pouco: terás tudo. Quer nada: serás livre.

Quero, terei;

Se não aqui;

Noutro lugar que ainda não sei.

Nada perdi;

Tudo serei



RACIOCINAR.

Os factos provam o que quer o raciocinador. Nem, propriamente, existem factos, mas apenas impressões nossas, a que damos, por conveniência, aquele nome.

REALIZAR.

Nunca realizamos o que queremos, salvo se o que queremos não vale a pena realizar-se.

Para realizar um sonho é preciso esquecê-lo, distrair dele a atenção. Por isso realizar é não realizar.

RECORDAR.

*A recordação é uma traição à Natureza,
Porque a natureza de ontem não é Natureza.
O que foi não é nada, e lembrar é não ver.*

REENCARNAR.

Poder reencarnar numa pedra, num grão de pó – chora-me na alma este desejo.

REFORMAR *é não ter emenda possível.*

Não queiras reformar nada, porque, como não sabemos a que leis as coisas obedecem, não sabemos se as leis naturais estão de acordo, ou com a justiça, ou, pelo menos, com a nossa ideia de justiça.

RENUNCIAR.

Não podendo ter a maravilhosa e natural saúde de não ter opinião nem sonhos, esforcemo-nos ao menos por adquirir a artificial saúde da renúncia.

A renúncia é a libertação. Não querer é poder.

RESOLVER.

Como nunca podemos conhecer todos os elementos de uma questão, nunca a podemos resolver.

REZAR.

Se puderes, reza a Deus. Não é preciso acreditar nele para isso. Basta que saibas rezar.

Reza por mim, e Deus talvez exista por ser por mim que rezas.

RIR.

A vida é coisa tão séria, os seus problemas são tão graves, que a ninguém assiste o direito de rir. Quem ri é estúpido – de momento, pelo menos. A alegria é a forma comunicativa da estupidez.

S

SABER.

O homem não sabe mais do que os outros animais; sabe menos. Eles sabem o que precisam de saber. Nós não.

Quanto mais subimos no que desejaríamos saber, mais descemos no que sabemos.

Não há felicidade senão com conhecimento. Mas o conhecimento da felicidade é infeliz; porque conhecer-se feliz é conhecer-se passando pela felicidade, e tendo, logo já, que deixá-la atrás. Saber é matar, na felicidade como em tudo. Não saber, porém, é não existir.

Saber interpor-se constantemente entre si próprio e as coisas é o mais alto grau de sabedoria e prudência.

SABOREAR.

Cada vez acho menos sabor a tudo, mesmo a não achar sabor a nada.

Saber pôr no saborear duma chávena de chá a volúpia extrema que o homem normal só pode encontrar nas grandes alegrias que vêm da ambição subitamente toda satisfeita ou das saudades de repente desaparecidas, ou então nos actos finais e carnavais do amor.

SENTIR.

Sentir é criar. Sentir é pensar sem ideias, e por isso sentir é compreender, visto que o universo não tem ideias.

Sentir é estar distraído.

Ver muito lucidamente prejudica o sentir demasiado.

O sentir é um pensar extravagante.

Toda a emoção verdadeira é mentira na inteligência, pois se não dá nela. Toda a emoção verdadeira tem portanto uma expressão falsa. Expressar-se é dizer o que se não sente.

Para quem é guiado pelo sentimento, a solução de qualquer questão é

fácil.

O mundo é de quem não sente. A condição essencial para se ser um homem prático é a ausência de sensibilidade.

SER.

Serei o que quiser. Mas tenho que querer o que for.

Os cavalos da cavalaria é que formam a cavalaria. Sem as montadas, os cavaleiros seriam peões. O lugar é que faz a localidade. Estar é ser.

*Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.*

Somos sempre menos do que somos. Somos sempre a tradução para grotesco daquilo que quisemos ser, e que, por isso, intimamente e verdadeiramente somos.

Cada um de nós é vários, é muitos, é uma prolixidade de si mesmos.

Quem sou eu para mim? Só uma sensação minha.

SIMPATIZAR.

Quem simpatiza, para.

SOFRER.

Uma interpretação irônica da vida, uma aceitação indiferente das cousas, são o melhor remédio para o sofrimento, posto que o não sejam para as razões que há para sofrer.

Quem não quiser sofrer que se isole. Feche as portas da sua alma quanto possível à luz do convívio.

SOMAR.

Dois bons poemas não valem mais juntos do que o melhor dos dois.

SONHAR.

O sonho é a pior das cocaínas, porque é a mais natural de todas. Assim se insinua nos hábitos com a facilidade que uma das outras não tem, se

prova sem se querer, como um veneno dado. Não dói, não descora, não abate – mas a alma que dele usa fica incurável, porque não há maneira de se separar do seu veneno, que é ela mesma.

De sonhar ninguém se cansa, porque sonhar é esquecer, e esquecer não pesa e é um sono sem sonhos em que estamos despertos.

Saber não ter ilusões é absolutamente necessário para se poder ter sonhos.

A superioridade do sonhador consiste em que sonhar é muito mais prático que viver, e em que o sonhador extrai da vida um prazer muito mais vasto e muito mais variado do que o homem de acção. Em melhores e mais directas palavras, o sonhador é que é o homem de acção.

O que há de mais reles nos sonhos é que todos os têm.

Tenho uma espécie de dever de sonhar sempre, pois, não sendo mais nem querendo ser mais que um espectador de mim mesmo, tenho que ter o melhor espectáculo que posso.

SOSSEGAR.

*Sossega, coração! Não desesperes!
Talvez um dia, para além dos dias,
Encontres o que queres porque o queres.
Então, livre de falsas nostalgias,
Atingirás a perfeição de seres.*

*Mas pobre sonho o que só quer não tê-lo!
Pobre esperança a de existir somente!
Como quem passa a mão pelo cabelo
E em si mesmo se sente diferente,
Como faz mal ao sonho o concebê-lo!*

*Sossega, coração, contudo! Dorme!
O sossego não quer razão nem causa.
Quer só a noite plácida e enorme,
A grande, universal, solente pausa
Antes que tudo em tudo se transforme.*

SUICIDAR-SE.

Nunca encarei o suicídio como uma solução, porque eu odeio a vida por amor a ela.

A vida prática sempre me pareceu o menos cómodo dos suicídios.

T

TEORIZAR.

... o sagrado instinto de não ter teorias...

TER.

A vida é breve, a alma é vasta:

Ter é tardar.

TOCAR.

A única aristocracia é nunca tocar. Não se aproximar – eis o que é fidalgo.

TORTURAR.

Torturamos os nossos irmãos homens com o ódio, o rancor, a maldade e depois dizemos “o mundo é mau”.

TRABALHAR.

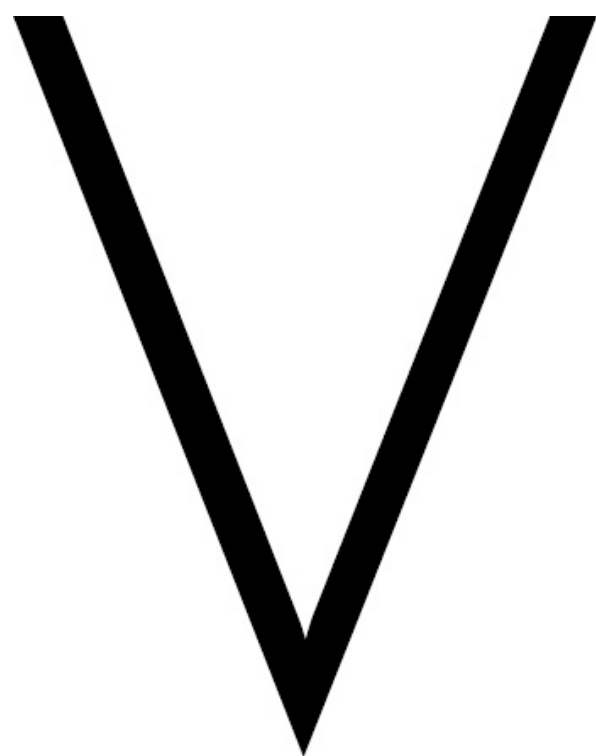
Não é o trabalho, mas o saber trabalhar, que é o segredo do êxito no trabalho. Saber trabalhar quer dizer: não fazer um esforço inútil, persistir no esforço até ao fim, e saber reconstruir uma orientação quando se verificou que ela era, ou se tornou, errada.

TRAIR.

Um traidor é simplesmente um individualista. A traição, longe de ser um acto condenável, não passa de uma opinião política – filosófica, mesmo, como no fundo são todas as opiniões políticas.

TRANSMITIR.

Nenhuma época transmite a outra a sua sensibilidade; transmite-lhe apenas a inteligência que teve dessa sensibilidade. Pela emoção somos nós; pela inteligência somos alheios. A inteligência dispersa-nos; por isso é através do que nos dispersa que nos sobrevivemos. Cada época entrega às seguintes apenas aquilo que não foi.



VENCER.

Para vencer – material ou imaterialmente – três coisas definíveis são precisas: saber trabalhar, aproveitar oportunidades, e criar relações. O resto pertence ao elemento indefinível, mas real, a que, à falta de melhor nome, se chama sorte.

Conformar-se é submeter-se e vencer é conformar-se, ser vencido. Por isso toda a vitória é uma grosseria. Os vencedores perdem sempre todas as qualidades de desalento com o presente que os levaram à luta que lhes deu a vitória. Ficam satisfeitos, e satisfeito só pode estar aquele que se conforma, que não tem a mentalidade do vencedor. Vence só quem nunca consegue.

Vence quem pensa só o que precisa para vencer.

VER *será sempre a melhor metáfora de conhecer.*

Quem não vê bem uma palavra não pode ver bem uma alma.

Ver e ouvir são as únicas coisas nobres que a vida contém. Os outros sentidos são plebeus e carnaís. A única aristocracia é nunca tocar.

Ver é estar distante. Ver claro é parar.

Ver muito lucidamente prejudica o sentir demasiado.

VESTIR.

Passámos a ser criaturas vestidas, de corpo e alma. E, como a alma corresponde sempre ao corpo, um traje espiritual estabeleceu-se.

Passámos a ter a alma essencialmente vestida, assim como passámos – homens, corpos – à categoria de animais vestidos.

Não é só o facto de que o nosso traje se torna uma parte de nós. É também a complicação desse traje e a sua curiosa qualidade de não ter

quase nenhuma relação com os elementos da elegância natural do corpo nem dos seus movimentos.

VIAJAR.

As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.

*Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!*

*Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E a ânsia de o conseguir!*

*Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.*

O que é viajar e para que serve viajar? Qualquer poente é o poente; não é mister ir vê-lo a Constantinopla.

VIVER *é ser outro. Nem sentir é possível se hoje se sente como ontem se sentiu: sentir hoje o mesmo que ontem não é sentir – é lembrar hoje o que se sentiu ontem, ser hoje o cadáver vivo do que ontem foi a vida perdida.*

O próprio viver é morrer, porque não temos um dia a mais na nossa vida que não tenhamos, nisso, um dia a menos nela.

A vida é para nós o que concebemos dela.

Alguns têm na vida um grande sonho e faltam a esse sonho. Outros não têm na vida nenhum sonho, e faltam a esse também.

Assim como lavamos o corpo devíamos lavar o destino, mudar de vida como mudamos de roupa.

Vivo sempre no presente. O futuro, não o conheço. O passado, já o não tenho.

A vida é a hesitação entre uma exclamação e uma interrogação. Na dúvida, há um ponto final.

A vida prejudica a expressão da vida. Se eu vivesse um grande amor nunca o poderia contar.

Viver é pertencer a outrem. Morrer é pertencer a outrem. Viver e morrer são a mesma coisa. Mas viver é pertencer a outrem de fora, e morrer é pertencer a outrem de dentro. As duas coisas assemelham-se, mas a vida é o lado de fora da morte. Por isso a vida é a vida e a morte a morte, pois o lado de fora é sempre mais verdadeiro que o lado de dentro, tanto que é do lado de fora que se vê.

Viver é não conseguir.

Quando julgamos que vivemos, estamos mortos; vamos viver quando estamos moribundos.

*Tenho tanto sentimento
Que é frequente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal.*

*Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos*

*É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.*

*Qual porém é a verdadeira
E qual errada, ninguém
Nos saberá explicar;
E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
É a que tem que pensar.*

Cansa tanto viver! Se houvesse outro modo de vida!

Entre mim e a vida há um vidro ténue. Por mais nitidamente que eu veja e compreenda a vida, eu não lhe posso tocar.

Viver não é necessário. Necessário é criar.

Vivemos todos, neste mundo, a bordo de um navio saído de um porto que desconhecemos para um porto que ignoramos; devemos ter, uns para os outros, uma amabilidade de viagem.

Todas as frases do livro da vida, se lidas até ao fim, terminam numa interrogação.

A vida é um mal digno de ser gozado.

VOTAR.

Votar é errar.

CONSELHOS DE VIDA

- 1 Faça o menos possível de confidências.
Melhor não as fazer, mas, se fizer alguma, faça com que sejam falsas ou vagas.
- 2 Sonhe tão pouco quanto possível,
exceto quando o objetivo direto do sonho seja um poema ou produto literário. Estude e trabalhe.
- 3 Tente e seja tão sóbrio quanto possível,
antecipando a sobriedade do corpo com a sobriedade do espírito.
- 4 Seja agradável apenas para agradar, e não para abrir a sua mente ou discutir abertamente com aqueles que estão presos à vida interior do espírito.
- 5 Cultive a concentração, tempere a vontade, torne-se uma força ao pensar de forma tão pessoal quanto possível, que na realidade você é uma força.
- 6 Considere quão poucos são os amigos reais que tem, porque poucas pessoas estão aptas a

serem amigas de alguém. Tente seduzir pelo conteúdo do seu silêncio.

7 Aprenda a ser expedito nas pequenas coisas, nas coisas usuais da vida mundana, da vida em casa, de maneira que elas não o afastem de você.

8 Organize a sua vida como um trabalho literário, tornando-a tão única quanto possível.

**“Se
estiver tudo
errado, comece
novamente. Se estiver
tudo certo, continue. Se
sentir saudades, mate-
as. Se perder um amor,
não se perca. Mas, se
o achar, segure-o.”**

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Nota do Editor](#)

[A](#)

[B](#)

[C](#)

[D](#)

[E](#)

[F](#)

[G](#)

[I](#)

[L](#)

[M](#)

[N](#)

[O](#)

[P](#)

[Q](#)

[R](#)

[S](#)

[T](#)

[V](#)

**a
princesa
salva
a si mesma
neste livro**

amanda lovelace



A princesa salva a si mesma neste livro

Lovelace, Amanda

9788544106587

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Amor e empoderamento em versos que levam os contos de fada à realidade feminina do século XXI A princesa salva a si mesma neste livro, de Amanda Lovelace, é comparado ao fenômeno editorial Outros jeitos de usar a boca, de Rupi Kaur, com o qual compartilha a linguagem direta, em forma de poesia, e a temática contemporânea. É um livro sobre resiliência e, sobretudo, sobre a possibilidade de escrevermos nossos próprios finais felizes. Não à toa A princesa salva a si mesma neste livro ganhou o prêmio Goodreads Choice Award, de melhor leitura do ano, escolha do público. Esta é uma obra sobre amor, perda, sofrimento, redenção, empoderamento e inspiração. Dividido em quatro partes ("A princesa", "A donzela", "A rainha" e "Você"), o livro combina o imaginário dos contos de fada à realidade feminina do século XXI com delicadeza, emoção e contundência. Amanda, aclamada como uma das principais vozes de sua geração, constrói uma narrativa poética de tons íntimos e cotidianos que acolhe o leitor a cada verso, tornando-o cúmplice e participante do que está sendo dito.

[Compre agora e leia](#)

**a
bruxa
não vai para
a fogueira
neste livro**

amanda lovelace



A bruxa não vai para a fogueira neste livro

Lovelace, Amanda

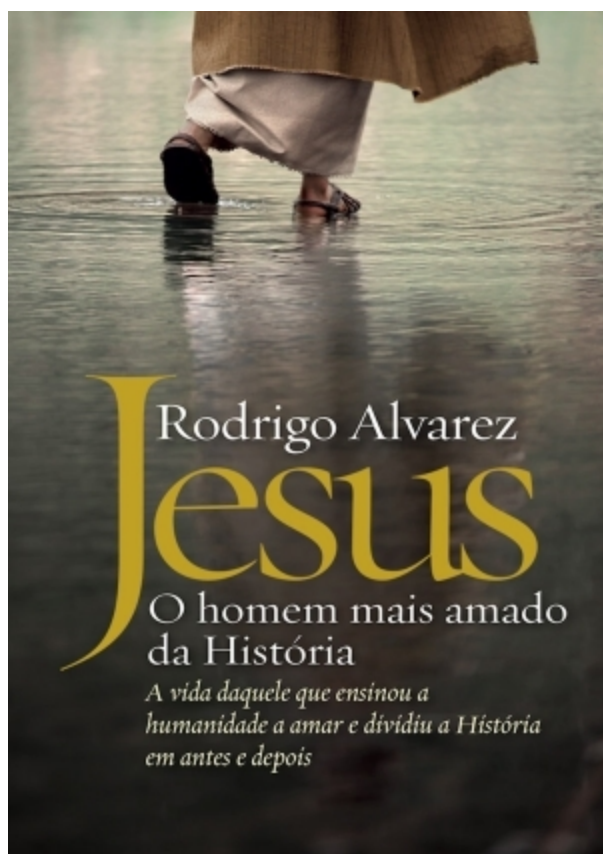
9788544107027

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aqueles que consideram "bruxa" um xingamento não poderiam estar mais enganados: bruxas são mulheres capazes de incendiar o mundo ao seu redor. Resgatando essa imagem ancestral da figura feminina naturalmente poderosa, independente e, agora, indestrutível, Amanda Lovelace aprofunda a combinação de contundência e lirismo que arrebatou leitores e marcou sua obra de estreia, *A princesa salva a si mesma* neste livro, cujos poemas se dedicavam principalmente a temas como relacionamentos abusivos, crescimento pessoal e autoestima. Agora, em *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro, ela conclama a união das mulheres contra as mais variadas formas de violência e opressão. Ao lado de Rupi Kaur, de *Outros jeitos de usar a boca* e *O que o sol faz com as flores*, Amanda é hoje um dos grandes nomes da nova poesia que surgiu nas redes sociais e, com linguagem direta e temática contemporânea, ganhou as ruas. Seu *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro é mais do que uma obra escrita por uma mulher, sobre mulheres e para mulheres: trata-se de uma mensagem de ser humano para ser humano – um tijolo na construção de um mundo mais justo e igualitário.

[Compre agora e leia](#)



Rodrigo Alvarez
Jesus
O homem mais amado
da História

*A vida daquele que ensinou a
humanidade a amar e dividiu a História
em antes e depois*

Jesus, o homem mais amado da História

Alvarez, Rodrigo

9788544106440

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escrito pelo autor laico brasileiro que mais vende livros de temática religiosa no Brasil, Jesus – O homem mais amado da História: a biografia daquele que ensinou a humanidade a amar e dividiu a História em antes e depois é o livro mais atual sobre a vida do homem cuja história mantém seu vigor e interesse há mais de dois mil anos. O escritor e jornalista Rodrigo Alvarez tomou como base as fontes arqueológicas e bibliográficas mais recentes, além das mais antigas (entre eles diversos manuscritos originais), e viajou pelos mesmos lugares percorridos por Jesus em seu tempo para reconstituir os passos do pregador que, ao mesmo tempo Deus e homem, ensinou a amar, mudou o curso da humanidade e dividiu a História em antes e depois. Com uma narrativa elegante, acessível e guiada pelos fatos, além de ricamente ilustrado, Jesus – O homem mais amado da História é um livro sobre um Jesus de antes do cristianismo e de todas as suas divisões futuras – e que mostra a todos os leitores, cristãos ou não, a relevância e a permanência de sua trajetória e de seus ensinamentos.

[Compre agora e leia](#)



O LIVRO QUE
DEU ORIGEM À
SUPERPRODUÇÃO
DIRIGIDA POR
STEVEN SPIELBERG

ERNEST CLINE

Jogador nº 1

Cline, Ernest

9788580444728

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Agora uma megaprodução de Steven Spielberg para os cinemas. Cinco estranhos e uma coisa em comum: a caça ao tesouro. Achar as pistas nesta guerra definirá o destino da humanidade. Em um futuro não muito distante, as pessoas abriram mão da vida real para viver em uma plataforma chamada Oasis. Neste mundo distópico, pistas são deixadas pelo criador do programa e quem achá-las herdará toda a sua fortuna. Como a maior parte da humanidade, o jovem Wade Watts escapa de sua miséria em Oasis. Mas ter achado a primeira pista para o tesouro deixou sua vida bastante complicada. De repente, parece que o mundo inteiro acompanha seus passos, e outros competidores se juntam à caçada. Só ele sabe onde encontrar as outras pistas: filmes, séries e músicas de uma época que o mundo era um bom lugar para viver. Para Wade, o que resta é vencer - pois esta é a única chance de sobrevivência. A vida, os perigos, e o amor agora estão mais reais do que nunca.

[Compre agora e leia](#)